

IRB pode perder

Economia

O ESTADO DE S. PAULO — 35

US\$ 24,32 milhões

Os títulos da dívida brasileira comprados no Exterior em 88 têm hoje valor bem menor

REGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — O Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) teria uma perda de US\$ 24,32 milhões se tivesse de vender, hoje, os títulos da dívida brasileira adquiridos no mercado secundário do Exterior em meados do ano passado. A operação foi fechada antes da proibição formal do Conselho Monetário para que empresas estatais não participassem dos negócios de conversão da dívida externa. O IRB pagou US\$ 60 milhões por dívidas que, teoricamente, valeriam US\$ 104 milhões. Como o Brasil não tem conseguido honrar seus compromissos no Exterior, as dívidas com os bancos perderam valor e são negociadas num ativo mercado secundário.

Dos US\$ 104 milhões, adquiridos em nome da sua seção de Londres, o IRB converteu em investimentos, no Brasil, US\$ 28 milhões. Sobraram, portanto, US\$ 76 milhões, adquiridos por US\$ 45,6 milhões. Como no

mercado secundário de dívida as cotações, como acontece com as bolsas de valores, são flutuantes, aqueles US\$ 76 milhões valem, hoje, US\$ 21,28 milhões. Em relação ao que foi efetivamente pago, portanto — US\$ 45,6 milhões —, há um prejuízo de US\$ 24,32 milhões que pode ser revertido total ou parcialmente se o mercado reagir. No total não estão incluídos os ganhos com a operação de conversão em investimento já feita e que podem chegar a US\$ 11,2 milhões — 40% sobre US\$ 28 milhões.

O centro desses negócios do IRB no exterior tem sido Nova York, onde funcionam duas empresas do IRB — a United America Insurance Company (UAIC) e a United Americas Services (UAS). O presidente da UAIC, Alexandre Leventhal, manifestou-se ontem surpreso com a notícia de que a conversão feita pelo IRB estava proibida. “O Banco Central sabe de tudo, pois os títulos têm o seu aval. Diariamente recebemos a confirmação dos endividados porque não convertemos o total dos US\$ 104 milhões”, explicou Leventhal. Quando fez o negócio, o IRB recebeu, junto com os contratos, uma relação de firmas

estatais e privadas responsáveis pelas dívidas no exterior. “Há muitos nomes como Furnas e outras empresas, entre as quais um shopping center em Salvador e uma fábrica de confecções da Villejack, no Ceará”, acrescentou Leventhal.

NEGÓCIO LEGAL

“Acho que a idéia, na época, era ganhar o diferencial entre o valor dos títulos e aquele efetivamente desembolsado na compra”, explicou o presidente da UAIC. A operação foi decidida no Rio, pela diretoria financeira, informa ele.

A UAIC é uma companhia norte-americana com 30% de participação do IRB e 25% de outras 60 seguradoras brasileiras. Os restantes 45% estão em mãos de uma empresa norte-americana, três alemãs e uma venezuelana. Mas a UAIC, segundo Leventhal, não teve participação na compra dos títulos da dívida, feita pela seção de Londres do IRB. A United Americas Services (UAS), uma firma de serviços americana, também controlada pelo IRB, ajudou na montagem da operação. Não há, segundo Leventhal, nada de ilegal no negócio.